

# NOVAS ESCAVAÇÕES NA MAMOA 1 DE CHÃ DE PARADA – BAIÃO, SERRA DA ABOBOREIRA, 1990

por

Vítor Oliveira Jorge\*,  
com a colaboração de:  
António da Silva Pereira\*\*,  
Carla Stockler Nunes\*\*\*  
e José Manuel Varela\*\*\*

## 1. INTRODUÇÃO

As primeiras sondagens cientificamente conduzidas neste bem conhecido monumento com dólmen de corredor da Serra da Aboboreira decorreram no verão de 1987, tendo sido dirigidas pelo primeiro signatário e por Ana Bettencourt, actualmente assistente da Universidade do Minho<sup>1</sup>. Elas incidiram sobre o enchimento da câmara e corredor e sobre duas áreas da mamoa: uma, mais larga, situada na sua área leste, em frente à entrada do sepulcro, a outra, estreita, em sentido perpendicular à primeira, para sul do dólmen. Embora trazendo contributos que se julga importantes, esses trabalhos não tinham podido definir o contorno original do *tumulus*, sobretudo na sua área oeste, e, por outro lado, aconselhavam a que se praticasse uma escavação em área para norte e para sul da «sanja este», de modo a perceber melhor como se apresentava, aí, a estruturação in-

---

\* Professor da Faculdade de Letras do Porto. Direcção dos trabalhos de campo e preparação do texto e ilustrações para publicação.

\*\* Professor do Ensino Secundário. Colaboração nos trabalhos de campo.

\*\*\* Elemento da direcção do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Colaboração nos trabalhos de campo.

<sup>1</sup>V. V. O. Jorge e A. M. S. Bettencourt, Sondagens arqueológicas na Mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, vol. 17, Junho 1988, pp. 73-118.

terna do montículo<sup>2</sup>. Foi esse o objectivo dos trabalhos de 1990, que decorreram de 16 a 28 de Julho, prolongando-se pela semana seguinte algumas tarefas de desenho e de cobertura de áreas abertas, num total de c. de 12 dias de trabalho útil. Nele colaboraram, além de dois trabalhadores braçais, estudantes universitários portugueses e espanhóis, e quatro licenciados galegos, cujos nomes é justo destacar, nomeadamente pela sua empenhada colaboração no desenho de cortes e estruturas: Ana Filgueiras Rey, Angel Acuña Piñeiro, Angel Concheiro Coello e Lola Gil Agra. A metodologia usada obedeceu às mesmas regras gerais da de 1987, agora com um maior ênfase nas observações em área. As escavações tiveram o apoio do I.P.P.C.<sup>3</sup>, da Câmara Municipal de Baião e do Instituto da Juventude<sup>4</sup>, e decorreram no quadro da 13ª campanha do «Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira»<sup>5</sup>. Uma palavra de reconhecimento muito particular para

---

<sup>2</sup> Entretanto, em 1989, o S.R.A.Z.N. do I.P.P.C. levou a cabo um certo número de acções neste monumento nacional, que determinaram o facto do corredor se encontrar actualmente coberto de terra (não sendo visível), a câmara estar também cheia de sedimentos até uma altura considerável, apresentando o dólmen, além disso, um montículo de terra encostado à parte posterior da câmara, junto à laje de cabeceira. O primeiro dos signatários já preveniu os responsáveis da Câmara e dos serviços do I.P.P.C. do perigo que correm actualmente as gravuras dos esteios, sobre as quais incidem agora directamente os efeitos das fogueiras que os pastores continuam a acender no interior deste precioso monumento pré-histórico, dado que não foi construído um projectado abrigo de pastores no local. V. V. O. Jorge *et alii*, *Novos elementos sobre o megalitismo da Serra da Aboboreira (Baião), Portugalia*, nova sér., vols. IX-X, 1988/89, Vária (no prelo).

<sup>3</sup> Na importância de 100 contos, pagos no fim de Janeiro de 1991.

<sup>4</sup> Agradece-se aos responsáveis pela Escola C+S de Baião e pela Escola Primária da mesma vila a cedência, mais uma vez, das respectivas instalações para alojamento da equipa, incluindo os responsáveis. Sublinhe-se que é assim (por manifesta falta de meios financeiros) que ficam instalados em Baião todos os participantes do Campo Arqueológico, incluindo técnicos habilitados com os graus de licenciatura e de doutoramento, nomeadamente um professor catedrático e um professor associado da U.P. Uma vez que os transportes da Câmara só podem ser utilizados ao princípio e ao fim do dia, cada elemento da equipa é obrigado a apenas consumir, durante esse lapso de tempo, uma refeição ligeira, que lhe é fornecida logo de manhã. Na Serra, para além de uma pequena barraca de madeira onde se guarda todo o material de trabalho, não existe qualquer outro abrigo. Para obviar às condições de isolamento total — com todos os perigos inerentes — em que se costuma trabalhar, o primeiro signatário viu-se na necessidade de adquirir, obviamente à custa do seu bolso, uma carrinha 4L, verdadeiro pequeno «oásis» na deserta solidão da Serra. Aqui fica dito, para que conste como se trabalha em Arqueologia em Portugal nos inícios da última década do séc. XX. *Foi nestas condições que, desde 1978, as equipas do Campo Arqueológico produziram mais de uma centena de trabalhos científicos publicados.*

Uma palavra de agradecimento, também, ao Arq.<sup>o</sup> João Mesquita, da Câmara Municipal de Baião, pelo interesse que tem demonstrado pelas escavações.

<sup>5</sup> Durante esta campanha, e como tem sucedido em anos anteriores, realizámos, ao serão, visitas de estudo ao Museu Municipal de Baião e projecções comentadas de diapositivos ao ar livre, num caso abertas à população local, mas principalmente dirigidas aos jovens participantes do Campo, por forma a melhor os motivar para a razão de ser dos trabalhos em curso e sua metodologia. Cremos que este esforço pedagógico é importante, dada a presença, nas várias equipas que a cada momento integram o Campo, de numerosos estudantes, que em 1990 foram, na sua maioria, oriundos de várias universidades espanholas. Por essa razão temos também um diaporama sobre Pré-história

o esforço dos nossos jovens colaboradores que, sob condições físicas extremamente penosas, permitiram a obtenção, numa curta campanha, de um acervo importante de informações: basta dizer que foi aberta uma área total de 104 m<sup>2</sup>.

No que toca a localização, descrição e todos os restantes pormenores antes conhecidos sobre este monumento — um dos mais interessantes dólmenes portugueses —, reportamos o leitor para o trabalho publicado em 1988 (nota 1 *supra*). Aqui, iremos ocupar-nos em exclusivo das pesquisas de 1990, e de algumas correcções de pormenor que elas implicam relativamente às nossas conclusões anteriores. Deixamos para os nossos colegas futuros e para os técnicos do I.P.P.C. (estes últimos, evidentemente, com a nossa colaboração) a tarefa de se debruçarem de novo sobre este imóvel, sobre o qual decerto se poderão ainda obter informações mais precisas e, a mais curto prazo, sem dúvida, melhores condições de preservação e apresentação.

As escavações desta vez consistiram na abertura de uma sanja na zona oeste da mamoa, e de dois grandes sectores, um para sul e outro para norte da sanja leste de 1987. Entre o espaço dessa sanja, que tínhamos delimitado com blocos de cimento no fim da primeira campanha (e que agora se encontra completamente coberto com terra), e os novos sectores de escavação deixámos uma

---

portuguesa, que costumamos mostrar. Apesar da escassez de meios, procura-se realizar, na Aboboreira, muito mais do que um simples conjunto de escavações coincidentes no tempo e sujeitas a uma certa programação comum. Nada há de mais confrangedor, numa investigação deste género, do que a presença de pessoas desmotivadas que, confrontadas com um trabalho de rotina, muitas vezes fisicamente exigente, se sentem rapidamente esmorecer perante o não achamento de peças que, graças à interiorização de uma visão romântica da Arqueologia, é o que insistentemente ansiavam, quem sabe se muitas vezes estimuladas pelos seus próprios professores. De facto, não sem surpresa temos verificado que não só muitos arqueólogos medem o êxito das suas escavações pela quantidade de artefactos que nelas exumam, como o próprio «paradigma artefactual» ainda preside a muitos dos trabalhos efectuados entre nós, consciente ou inconscientemente: o artefacto é considerado, muitas vezes de forma abusiva, como elemento seguro para diagnosticar um «horizonte» ou mesmo uma «cultura», que rapidamente se generaliza a toda uma região de estudo. Esses arqueólogos, quando lerem estas linhas, pensarão que as escrevemos como auto-compensação para os poucos objectos que em regra encontramos nas nossas escavações megalíticas da Aboboreira... mas nem sempre se lembram de que o conjunto de artefactos já exumados, pelas várias equipas, nesta necrópole (alguns ainda inéditos) daria, se concatenado em volume, um já considerável tomo. A visão romântica da Arqueologia atrás referida é também veiculada, e alimentada, pela imprensa, cuja escassez de notícias, em época de férias, é em regra compensada pelo sensacionalismo das escavações, com o qual os arqueólogos colaboram para terem o apetecido quinhão de espaço nos considerados prestigiantes «meios de comunicação social». Criticamente, seria útil que se pensasse: que tem tudo isso a ver com a ciência? Esta não só precisa, mas *tem* de ser divulgada, de forma atraente, porém despidida de sensacionalismo; e a Arqueologia, como investigação científica, só raramente atinge conclusões de facto importantes, e essas, antes de poderem ser divulgadas, têm de ser trabalhadas, às vezes durante meses ou anos, nos cérebros dos cientistas.

estreita área reservada com c. de 10 cm de largura<sup>7</sup>.

## 2. A SANJA OESTE

Constituída por um rectângulo de 10 x 2 m., corresponde às unidades (quadrados de 2 m. de lado) M7 a Q7 da quadrícula geral. Esta sanja ficou um pouco distanciada da câmara devido ao montículo de terra agora ali existente, e a que fizemos referência na nota 2 *supra*. O facto, aliás, não prejudicou os objectivos da abertura deste sector, cuja finalidade básica era a delimitação da mamoa e do contraforte da câmara pelo lado oeste.

Verificou-se que a couraça pétreia de revestimento terminava aproximadamente na extremidade ocidental do O7, a cerca de 8 m. da laje de cabeceira. Ou seja, apresentava uma extensão muito semelhante àquela que tinha na sanja sul.

Quanto ao contraforte, a sua periferia atingia a metade do N7, com dimensões também muito semelhantes, portanto, às achadas na sanja sul. Por questões de segurança da anta, não foi desmontado, mas tão só desenhado em planta, com apenas o topo representado esquematicamente nos dois cortes laterais desta sanja oeste.

Como em quase todas as mamoas da Aboboreira, a estratigrafia deste sector é essencialmente composta por (1) uma camada superficial, muito humosa e com raízes, que contém a couraça de revestimento, pelas (2) terras subjacentes do montículo, mais compactas, com menor número de raízes, e afectando uma maior heterogeneidade, e por (3) um nível de base anterior à deposição do *tumulus*, por sua vez assente na (4) rocha alterada. Quanto foi possível, porém, mantivemos a nomenclatura das camadas utilizada no trabalho de 1988; assim, neste caso, a camada (3) acima mencionada aparece aqui com a designação de (7) e a rocha-mãe com a de (8), tal como nos restantes cortes deste relatório. Acrescente-se que as sub-divisões da camada 2 têm uma nomenclatura e um grafismo específicos de cada corte.

Começando pelo corte W.-E. temos, assim, a seguinte sucessão estratigráfica:

c. 1 — Terras castanho-escuras, muito humosas, superficiais. A couraça (Co no corte), bastante inclinada, adensava-se no O7, «fechando» com grandes pedras, colocadas na horizontal, umas junto às outras, e sobrepostas ao solo de base (c. 7). Encostada a uma delas, junto à «parede» norte da sanja, encontrava-se um elemento fixo de moinho manual, colocado verticalmente, com a superfície côncava (zona funcional) voltada para o exterior da mamoa, isto é, para oeste;

c. 1b — Terras castanho-acinzentadas, mais claras e com menos raízes do que as anteriores;

- c. 2a — Terras cinzentas claras;
- c. 2b — Manchas, mais ou menos extensas, de terras cinzentas, relativamente escuras;
- c. 2c — Terras castanho-amareladas, sobrepostas directamente ao contraforte (no corte: Pc= pedra do contraforte);
- c. 7 — Solo amarelado de base.

A mesma descrição poderia ser feita do corte E.-W., com a diferença de que, aqui, na base da c. 2b, e entre esta e a 2c, se encontrava deposto um nível lenticular de terras cinzentas muito escuras. Voltaremos a este ponto, mas desde já se poderia dizer que as camadas constituintes da mamoa, na suas constantes e nas suas variações de pormenor, evidenciam uma intencionalidade que nos parece simbólica. Toda a elaboração do montículo seria um acto ritualmente ordenado, com deposição de sucessivas camadas de textura e cor diferentes, segundo uma certa ordem. Isto é particularmente evidente nos grandes *tumuli*, como por ex. este e a Mamoa 1 de Outeiro de Ante, onde encontrámos uns níveis lenticulares escuros, de sedimento muito fino, sobre o contraforte, intencionalmente depostos, tal como aqui<sup>6</sup>.

### 3. O SECTOR SUL

Área quadrada com 36 m<sup>2</sup>, correspondente às unidades F9 a D9, F10 a D10 e F11 a D11. A sua decapagem permitiu-nos observar uma parte significativa da superfície da couraça, a forma como regular e suavemente «descia» de W. para E. e de N. para S., até atingir a periferia nos quadrados D9, D10, D11, E11 e F11. Essa periferia era composta por pedras em posição horizontal, ora mais aglomeradas ora dispersas; se nuns casos podemos explicá-las como elementos da couraça que tombaram, na maioria parece-nos pertencerem a um dispositivo intencional de reforço que, de resto, se observa também frequentemente nos cortes das mamoas escavadas nesta região: a seguir ao «fecho» abrupto da couraça, feito com grandes pedras, a mesma couraça evidencia um curto prolongamento para o exterior, através de algumas pedras mais ou menos dispostas na horizontal. Esse facto está bem patente no corte S.-N. do sector de que estamos tratando.

Exposta toda a superfície lítica de revestimento neste sector, pudemos aperceber-nos claramente da existência de um alinhamento de pedras situadas

---

<sup>6</sup> V. V. O. Jorge, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante. Serra da Aboboreira — Baião, *Setúbal Arqueológica*, vols. VI-VII, 1980/81.

a cotas mais elevadas, acompanhando e como que «sublinhando» o contorno exterior da mamoa. Com a orientação geral NE.-SW., descrevia porém uma linha curva. Representámo-lo em planta como um primeiro nível de decapagem, bem distinto do segundo, ou seja, da generalidade da couraça propriamente dita, que ficou num desenho diferente. Essa distinção era tanto mais nítida quanto as pedras do nível superior assentavam em terra que, uma vez removida após o desmonte daquelas, logo revelava a perfeita continuidade da estrutura subjacente. Apenas mantivemos até uma fase mais adiantada da escavação o núcleo de pedras que, pertencentes àquele alinhamento mais elevado, se «encostavam» ao canto NE. do D9; ele é bem visível na estratigrafia do corte W.-E. deste sector, «embutido» na base da camada 1 (Co-n. sup.).

Esperávamos do prosseguimento das escavações neste sector, uma vez desenhado o «segundo nível de couraça», poder distinguir em área várias estruturas que nitidamente aqui se imbricavam (referimo-nos à zona setentrional do sector), e de cuja existência nos tínhamos apercebido durante as escavações de 1987 (sanja leste). Seriam elas a couraça e a «estrutura de fecho», além de, eventualmente, parte do anel de pedras de contenção lateral da mamoa (que certamente existiu, tal como do lado norte, entre a extremidade do contraforte do corredor e a dita «estrutura de fecho») e do próprio contraforte. É certo que para melhor cumprir esse desiderato teria sido interessante abrir também o quadrado G9. Tal não nos foi porém possível por manifesta falta de meios e de tempo; fica a sugestão para um nosso continuador futuro.

A verdade é que, em área, todas essas estruturas, nomeadamente a couraça e a «estrutura do fecho», se revelaram impossíveis de apartar, mesmo durante a cuidada desmontagem a que finalmente procedemos, sempre tendo esse objectivo em mente. Esse facto é em si mesmo significativo. Ou seja, a couraça (ou melhor, o nível inferior dela), descendo para a periferia oriental da mamoa, vinha encontrar-se com a «estrutura de fecho» que, como já se viu nas escavações de 1987, não era, no seu conjunto, perfeitamente horizontal, mas também um pouco inclinada (mais baixa a leste do que a oeste), formando as duas uma perfeita continuidade. Talvez que o que ainda melhor distinga a «estrutura de fecho» seja o facto das suas pedras assentarem por vezes em pequenos calhaus de granito, que formavam como que uma desconexa «camada de preparação» sobre o solo de base, na parte mais horizontal, externa, da mesma estrutura. Esta mesma impossibilidade de «seguir» a continuidade da «estrutura de fecho» para o exterior da área aberta em 1987, delimitando tal estrutura, vir-se-ia a verificar também no sector Norte, como veremos. Tudo isso reforça a ideia de que o «nível inferior» da couraça, a «estrutura de fecho», os anéis laterais de contenção da mamoa (entre a «estrutura de fecho» e o início do corredor) e o contraforte do corredor são estruturas rigorosamente coevas, isto é, fazendo

parte do «projecto» arquitectónico inicial. Sendo este executado com materiais não padronizados (terra, pedras sumariamente afeiçoadas) e por processos empíricos, os vários elementos da estrutura imbricavam-se entre si, equilibrando-se as massas umas às outras, sem a preocupação de delimitar cada uma no seio do conjunto tumular, o que sem dúvida dificulta a compreensão arqueológica da respectiva «anatomia».

O corte W.-E. deste sector, com a sua leitura estratigráfica, ajuda a compreender o que acabamos de afirmar. Passemos a descrevê-lo:

c. 1 — Terras superficiais castanho-escuras, pouco compactas, muito húmidas, com bastantes raízes;

x — níveis arenosos, saibrentos, acinzentados;

Co-n. sup. — nível superior da couraça. Podemos admitir que se trata de um resquício periférico de uma cobertura pétreia que inicialmente se desenvolveria em área (como acontecia no sector Norte), e que não teria sido poupada pela erosão ou por remeximentos ulteriores à construção, ou, alternativamente, aceitar a hipótese de que, neste sector, este «nível superior» estaria desde o início reduzido a um anel de pedras que teria por missão conter externamente a mamoa, cuja parte superior seria, nesse caso, apenas de terra. Voltaremos a este ponto, mas o que desde já parece evidente é que houve, na área leste de Chã de Parada 1, pelo menos dois momentos de construção da mamoa;

c. 2a — Terras castanhas, com muitas raízes. Contêm o «nível inferior» da couraça (Co) e dão lateralmente passagem à camada 4, onde se encontra a «estrutura de fecho» (Est. fec.);

c. 2b — Terras cinzento-acastanhadas;

c. 2c — Terras acastanhadas, claras;

c. 3 — Terras castanho-acinzentadas escuras, quase negras;

c. 4 — Terras castanhas. An. c. 1.? = grandes blocos possivelmente pertencentes ao anel de contenção lateral do *tumulus*, entre a «estrutura de fecho» e o contraforte do corredor;

c. 5 — Terras cinzento-escuras, quase negras, constituindo um sedimento muito fino, por vezes apresentando pequenas pedras graníticas no topo ou na base;

c. 7 — Solo antigo, composto por terras amarelo-acastanhadas;

c. 8 — Granito alterado do substrato.

As camadas 3, 4, 5, 7 e 8 correspondem inteiramente às observadas em 1987, por ex. no perfil E.-W. da sanja Leste-A (v. op. cit., pp. 82 e 86 – fig. 15).

O corte S.-N. deste sector corresponde, por assim dizer, a uma realidade de transição entre o corte anteriormente descrito (no que toca às camadas 1, 2

e suas subdivisões, 5 e 7) e os cortes dos sectores sul ou oeste. O que nele mais ressalta é o grande tamanho, em média, dos blocos que compõem a couraça, na qual, apesar da sua espessura, já se não notam os dois «níveis» revelados pela escavação em área neste sector Sul, e a que nos referimos, sinal de que tal duplicidade parece dizer apenas respeito à área leste da mamoa, esbatendo-se e desaparecendo nas restantes, como as sanjas sul e oeste dão conta. Na extremidade norte do F9, junto ao corte W.-E. perpendicular a este, nota-se um adensamento de pedras em profundidade: poderão corresponder à periferia do contraforte do corredor, mas também para o sabermos com certeza teria sido necessário escavar o quadrado G9.

#### 4. O SECTOR NORTE

Abarcou uma área rectangular de 48 m<sup>2</sup>, contendo os quadrados F3 a F6, E3 e E6 e D3 a D6. A sua decapagem revelou-nos dois «níveis» bem nítidos de couraça. O superior (estendendo-se pelos quadrados F5 e F6, E5 e E6 e D6), que em geral apresentava acentuada inclinação do interior para a periferia, dava continuidade, no D6, a acumulações de pedras já notadas no D7, D8 e D9. De notar que esse conjunto de pedras do D6 afectava uma disposição mais horizontal do que as da restante couraça do sector, sugerindo como que um «acrescentamento» ulterior, mais visível no terreno e em fotografia do que no desenho da planta. Não é nada inverosímil, pois, que se tenham verificado vários momentos (e não apenas dois) de remodelação desta extremidade oriental da mamoa em tempos pré-históricos. Outros monumentos mais bem preservados, como o de Madorras 1, em Sabrosa (cuja publicação há vários anos se aguarda) poderão esclarecer-nos melhor sobre esta complexidade construtiva.

Desenhado e desmontado o «primeiro nível» (com excepção da área SE. do sector a que acabámos de aludir, e que deixámos como testemunho até uma fase mais adiantada dos trabalhos), o segundo surgiu com uma disposição mais regular, em declive suave, como já tinha acontecido no sector Sul. A sua periferia era quase rectilínea, com uma orientação NW-SE, embora irregular. Também aqui não foi possível isolar a continuidade da «estrutura de fecho» para norte, como de início esperávamos, apesar de todo o cuidado posto no desmonte das pedras. É de aconselhar — trata-se de um ensinamento que colhemos para de futuro — a prática, desde o início, de escavações em área nestas zonas fronteiras aos corredores curtos, em vez da opção, que fizemos em 1987, de realizar primeiro sondagens estratigráficas. Acrescente-se que ao desmontar este segundo nível, na base da mamoa, encontrámos ainda um «alinhamento» de pedras orientado no sentido sul-norte, com c. de 3,60 m. de comprimento e 1,20 m e

0,80 m de largura máx. e mín. respectivamente, nos quadrados E6 e E5, a partir do corte W.-E. do sector. Não tendo qualquer cabimento nos desenhos que apresentamos, não gostaríamos todavia de deixar de o mencionar.

Resta-nos, pois, descrever a estratigrafia do corte S.-N., ao qual acoplámos a parte do corte perpendicular a ele que pudemos desenhar (correspondendo à «parede» sul de apenas um dos 3 quadrados desta extremidade meridional do sector, o F6):

c. 1 — Terras humosas superficiais, castanho-escuras, com muitas raízes, tendendo a tornar-se um pouco mais compactas e saibrentas em profundidade, entre o primeiro (Co-1<sup>o</sup> n.) e o segundo «nível» (Co-2<sup>o</sup> n.) de couraça;

c. 1b — Terras castanho-acinzentadas, mais claras e com menos raízes do que as anteriores;

c. 2a — Terras castanho-escuras;

c. 2b — «Manchas» castanho-acinzentadas das terras do *tumulus*;

c. 2c — Terras castanho-acinzentado claras, compactas;

c. 5 — corresponde ao nível 5 dos cortes anteriormente descritos;

c. 7 — equivale à c. 7 dos cortes anteriores;

c. 8 — granito alterado da base.

## 5. CONCLUSÕES GERAIS DO ESTUDO DA MAMOA

Em geral, os trabalhos que realizámos em 1990 confirmam a justeza das conclusões a que chegámos em 1987. Com duas importantes precisões, uma sobre a estratigrafia, a outra sobre as dimensões do *tumulus*.

A primeira refere-se à interpretação da camada 5, sobre a qual V. O. Jorge e A. Bettencourt escreveram<sup>8</sup> que «(...) se trata de uma camada que deve estar em relação com a fase de construção e/ou de utilização inicial do monumento» (p. 82), perguntando, mais adiante (p. 83) se seria «um sedimento depositado por águas?». Ora, dada a inequívoca posição estratigráfica deste nível, sempre sob terras e/ou estruturas *in situ* do montículo, podemos hoje afirmar, descartando uma das hipóteses prudentemente aventadas, que não é de deposição natural, mas antes foi ali colocado pelos construtores directamente sobre o solo amarelado da base. O facto dele nos aparecer apenas na «metade» oriental da mamoa, para onde se vira o corredor, e onde se encontra uma maior complexidade estrutural do *tumulus*, é um indício de que a construção teria obedecido

<sup>8</sup>V. *op. cit.* na nota 1 *supra*.

a certas regras, que neste caso apenas podemos interpretar como tendo valor simbólico. A mesma ordem geral de significação sugerimos atrás para camadas acinzentadas, espessas, ou níveis lenticulares mais escuros, ocorridos na sanja oeste, os quais, embora em termos sedimentológicos e estratigráficos se não possam confundir com a cam. 5, poderiam ter tido um sentido comparável. Estamos a pretender afirmar que, pelo menos nos *tumuli* maiores e mais elaborados, a deposição sucessiva de camadas poderia obedecer a alguma intenção especial. Aliás, em muitas mamoa aboboraicas ocorre, em torno da câmara, um nível de areão granítico (por vezes com pequenos fragmentos de rocha alterada, como acontece aqui com a camada 5), que forma como que um pequeno «pavimento» esbranquiçado, bem notório, entre a base do contraforte e os restos do «solo antigo». As semelhanças de posição estratigráfica com o nível escuro aqui em discussão levam-nos a levantar a hipótese de entre ambos os tipos de «camada de base» haver alguma relação simbólica, algum tipo de homologia. Parece que nos dois casos estamos perante a vontade de *isolar* a área mais sagrada do monumento em relação ao solo em que este vai assentar. Seria tal solo tido como impuro, colocado na ordem da natureza, por oposição ao sepulcro, obra humana?... Trata-se de uma dicotomia demasiado fácil, e sugerida mais pela nossa intuição contemporânea do que outra coisa. Aliás, se a morte, nas sociedades neolíticas, fosse eventualmente encarada como um retorno à ordem da natureza, essa natureza poderia ser conceptualizada como um espaço selvagem (colocação dos túmulos nas margens dos territórios, em terras de ninguém) ou doméstico (localização dos cemitérios nas proximidades dos habitats, em comunhão com os vivos). Assim, não podemos generalizar, pois tal seria de um simplismo absolutamente redutor. Mas devemos colocar-nos este tipo de problemas, que nos abre às valências semiológicas do monumento no seu conjunto, e não só da estrutura dolménica interna. Se a arquitectura das grandes lajes de pedra representa uma série de opções culturais e simbólicas, por que não haveria de acontecer o mesmo com a arquitectura de terra que aquele monumento também (íamos a dizer, sobretudo) é?

Finalmente, após os trabalhos de 1990, é possível, ainda que extrapolando um pouco, dizer que a mamoa 1 de Chã de Parada é de formato ovóide, com um eixo maior de c. 24 m. no sentido W-E e um menor (passando, como o primeiro, pelo centro da câmara) de c. de 20 m. no sentido N.-S. Estes dados precisam as hipóteses avançadas no relatório de 1988 (Jorge e Bettencourt, *op. cit.*, p. 85). O contraforte parece ser sub-elíptico, acompanhando o alongamento da mamoa no sentido W-E. Terá de eixo maior (W.-E.) e menor (N.-S.) respectivamente, c. de 13 e c. de 10 m.

## 6. MATERIAIS

As peças mais interessantes serão antecedidas de asteriscos<sup>9</sup>.

### 6.1. Materiais líticos

— Pequeno seixo rolado, achatado, em xisto, de forma ovóide. Sector sul. Decapagem inicial (c. 20 cm de profundidade).

— Fragmento de seixo rolado de quartzito, estalado (por acção do fogo?). E10. Na base da couraça (prof. – 65 cm).

— Fragmento de seixo rolado de cor negra. N7. Terras do *tumulus* (cam. 2) (prof. – 45 cm.).

— Lasca de seixo rolado de cor negra. D6. Entre as pedras da base da couraça/estrutura de fecho (prof. – 72 cm.).

— Lasca de seixo rolado de cor negra. Num dos bordos, parece ter pequenos negativos contínuos, resultantes de eventual reafiamento do gume. O7. Limpeza do corte W-E (cam. 2) (prof. – 80 cm.).

— Fragmento de seixo rolado de granito, de grão fino. F9. Na base da couraça (prof. – 70 cm).

— Fragmento, estalado pelo fogo, de um bloco, ou provavelmente de um seixo, de quartzito. D9. Entre as pedras da couraça (cam. 3) (prof. – 60 cm.).

\* — Percutor em quartzo leitoso. Contorno ovóide, irregular. Trata-se de um seixo rolado usado como percutor, o que é bem nítido no bordo lateral esquerdo, até às extremidades proximal e distal, que apresentam sinais de impactos. O7. Entre as pedras da couraça, na sua base (cam. 2) (prof. – 60 cm.). Comp<sup>9</sup> – 10,6 cm; larg. – 8,3 cm.; esp. – 5,3 cm.

\* — Percutor em quartzo leitoso. Contorno sub-retangular. E9. Entre as pedras da couraça/estrutura de fecho (prof. – c. 90 cm.). Comp<sup>9</sup> – 11 cm; larg. – 8 cm; esp. – 6,7 cm.

\* — Núcleo (esgotado) em quartzo hialino. Forma sub-prismática, secção plano-convexa. Irregular, apresenta negativos em todas as faces, tanto de lascas como de lamelas. Sector sul. Decapagem inicial (c. 20 cm. de prof.). Comp<sup>9</sup> – 3,5 cm.; larg. – 2,3 cm.; esp. – 2,1 cm.

— Lasca residual em quartzo leitoso. F9. Terras sob a couraça (cam. 2) (prof. – 1,06 m.).

— Lasca de quartzo leitoso, com talão largo (correspondente à superfície do seixo rolado) e afeiçoamento (raspadeira fruste?) no bordo distal do anverso, perpendicular ao eixo de simetria da peça; esse afeiçoamento criou um gume com c. de 2,5 cm de extensão. E9-F9. Terras sob a couraça (cam. 2) (prof. – c. 1 m.). Comp<sup>9</sup> – 2,4 cm.; larg. – 2,9 cm.; esp. – 0,8 cm.

— Lasca residual alongada, sub-retangular, de secção triangular, em quartzo leitoso. Talão largo e bolbo bem evidente na base do reverso. Sector sul. Decapagem inicial (c. 20 cm. de prof.).

\* — Fragmento de lâmina de quartzo leitoso (passando a hialino), de secção triangular, retocado na base e no bordo lateral direito. O retoque é abrupto (feito a partir das duas faces) e produz uma espécie de micrólito geométrico imperfeito (triângulo rectângulo irregular). D9. Cam. 3 (x – 1,30 m; y – 1,40 m.; z – 0,60 m.). Comp<sup>9</sup> – 2,8 cm; larg. – 1,9 cm; esp. – 0,4 cm.

\* — Lamela em sílex, terminando em ponta, retocada nos bordos. Do lado esquerdo do anverso conserva parte do córtex, onde também tem retoques. Estes são abruptos, marginais. A secção dominante é a trapezoidal. Bolbo bem nítido na base do reverso. D10. Cam. 3 (x – 1,80 m.; y – 1,57 m.; z – 0,60 m.). Comp<sup>9</sup> – 3,5 cm.; larg. – 0,9 cm.; esp. – 0,4 cm.

\* — Fragmento de moinho manual (dormente) em granito de grão grosso. A face

<sup>9</sup> As profundidades indicadas tomarão sempre como referência o nível superior do solo no local; quando se mencionarem as três coordenadas, as duas primeiras referir-se-ão, respectivamente, à distância do ponto do achado em relação ao lado norte (x), e ao lado leste (y) do quadrado. Quanto às dimensões dos objectos, são indicados os valores máximos obtidos.

superior, tornada côncava pelo uso, é sub-quadrangular, com 28 cm. de lado; a parte mais deprimida (c. de 1 cm de prof.), ao centro, é subcircular, com 12 cm. de diâmetro. A espessura máx. da peça é de 14 cm. Tem um perfil sub-triangular alongado. O7. Junto às grandes pedras do fecho da couraça, com a superfície funcional voltada para o exterior da mamoa (prof. do topo – c. 40 cm.).

## 6.2. Materiais cerâmicos

Tal como já aconteceu na primeira campanha, os elementos de vasos apresentaram-se reduzidos a pedaços de muito pequena dimensão.

— Pequeno fragmento, pouco espesso, de fabrico manual. Cor castanho-escuro. E11. Durante a desmontagem das pedras da periferia da mamoa (prof. – 65 cm.).

— Idem. D9. Entre as pedras da couraça (prof.-c. 60 cm.).

— Idem. E10. Prof. – 73 cm.

— Idem. F11. Base da mamoa (entre as pedras da sua periferia) (prof. – 75 cm.).

— Idem. D10. Prof. – 65 cm.

— Idem. Vestígios de decoração incisa (?) quase imperceptíveis. F9. Na base da couraça (cam. 4) (prof. – 1,10 m.).

— Idem. Pasta alaranjada. Vestígios de incisões paralelas junto a uma das fracturas? E11. Periferia da mamoa (prof. – 60 cm).

— Idem, mas espesso, com pasta muito grosseira e desengordurante contendo grandes fragmentos de quartzo. E6. Entre as pedras da couraça (prof. – 20 cm.).

— Idem, de pasta muito grosseira, friável. F9. Sob as pedras da couraça (prof. – 50 cm.).

— Pequeno fragmento de bordo, liso, de fabrico manual. Lábio aplanado. Cor castanho-escuro. E9. Sob as pedras da couraça/estrutura de fecho (prof. – 1 m.). Alt.: 2,7 cm.

\* — Fragmento de bordo, de fabrico manual. Lábio aplanado. Cor castanho-alaranjada. D9. Cam. 4, sob estrutura de fecho (prof. – 1,15 m.), junto ao corte W-E. Decorado com caneluras verticais, largas (c. 3 mm.) e pouco profundas. Alt.: 2 cm.

\* — Minúsculo fragmento (dim. máx. – 2 cm) de vaso cerâmico, decorado com estreitas caneluras ou sulcos paralelos (provavelmente verticais) na face externa. D10. Entre as pedras da periferia da mamoa (prof. – c. 80 cm.). Esta decoração e a do fragmento anterior evoca a de cerâmicas encontradas neste mesmo monumento (campanha de 1987) e em Serrinha 2, Furnas 2 e, muito particularmente, em Chã de Santinhos 2<sup>10</sup>.

— Quatro pequenos fragmentos da pança de um vaso cerâmico, liso, de fabrico manual, admitindo colagem. Único aspecto de interesse: a face interna mostra negativos, ao que parece, de pequenos caules. F5. Cam. 2 (prof. – 88 cm).

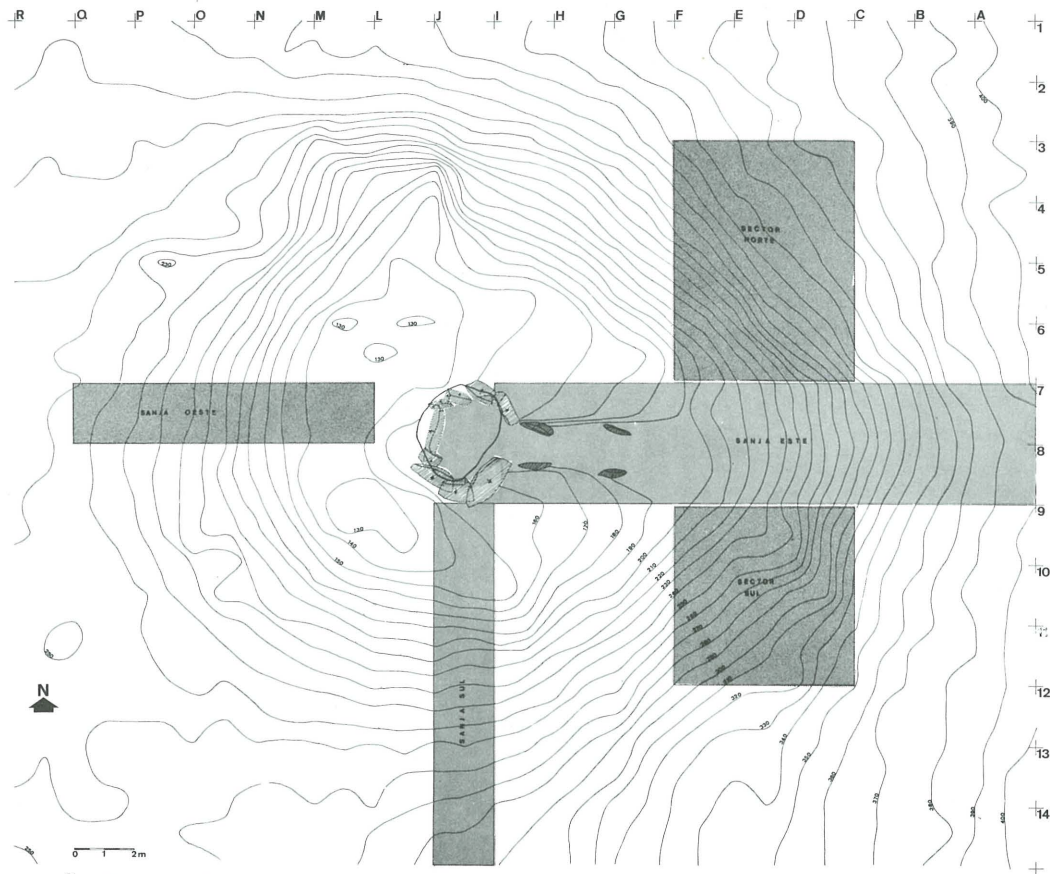
— Fragmento de asa de vaso aparentemente de fabrico manual, com pasta muito friável, contendo grãos de quartzo como desengordurante. E10. Sob pedras do «1º nível» de couraça (prof. – 70 cm).

<sup>10</sup>V. *op. cit.* na nota 1 *supra* e V. O. Jorge, Les tumulus de Chã de Santinhos (ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, Dez. 1985, pp. 117 e seg.

### 6.3. Carvões

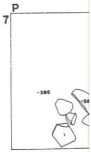
Foram recolhidos 24 amostras, três para datação radiocarbónica (LNETI, Sacavém, e CSIC, Madrid) e as restantes para análise antracológica (Dr<sup>a</sup> Isabel Figueiral, Londres). Aguardamos os resultados destas análises.

*Porto, Março de 1991*



### CHÃ PARADA 1 PLANTA GERAL

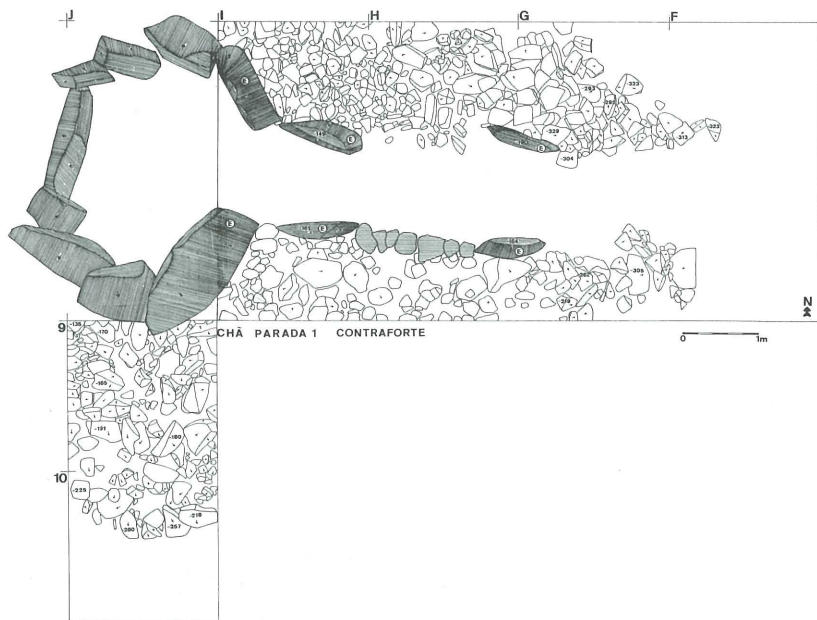
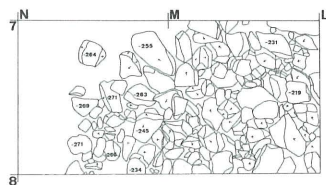
Planta de conjunto da mamoa com indicação das áreas escavadas: em 1987 (sanjas sul e este) e em 1990 (sanja oeste e sectores norte e sul).



...the ... ..  
... ..







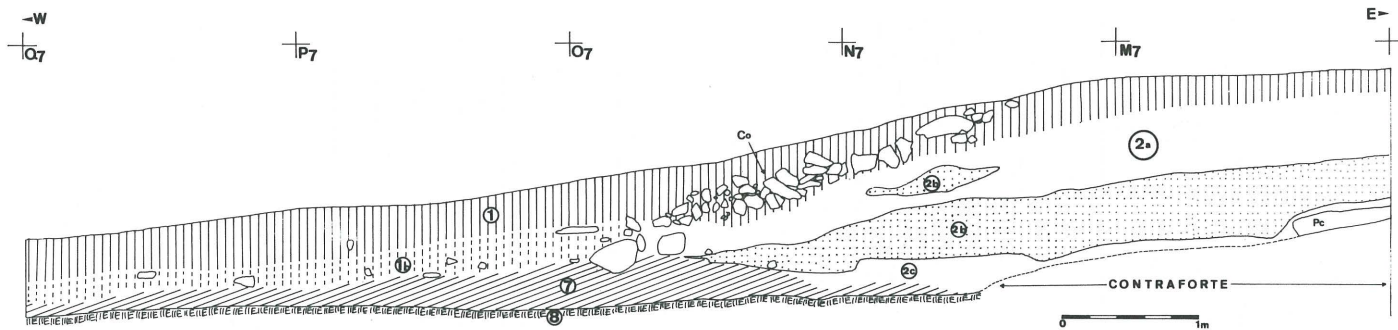
O contraforte da anta, nas áreas abertas em 1987 e 1990.



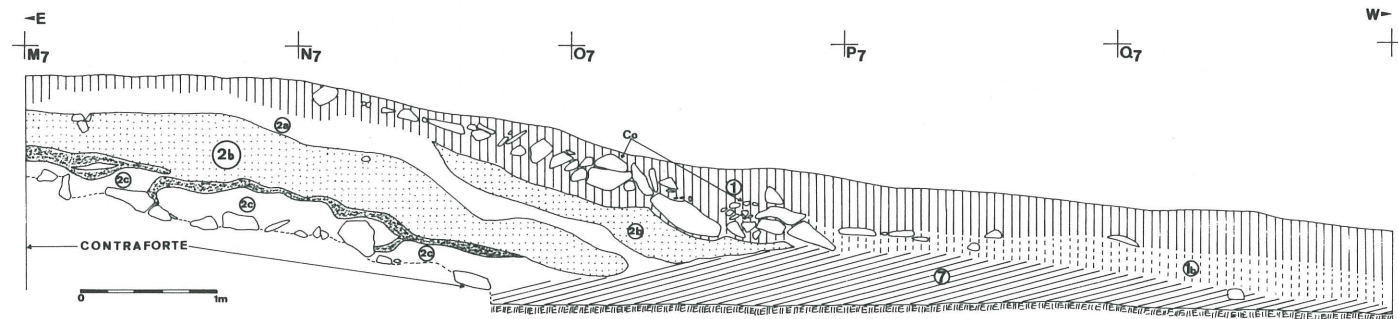
1 — Aspecto da couraça no sector oeste.



2 — O contraforte no sector oeste, após a escavação deste último.



1 — Corte W - E do sector Oeste (estratigrafia explicada no texto).



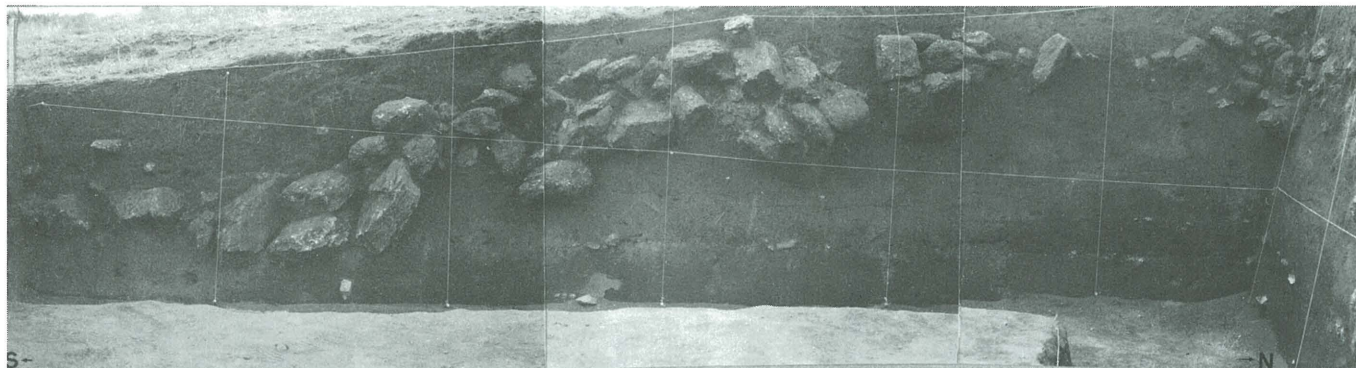
2 — Corte E - W do sector Oeste (estratigrafia explicada no texto).



1 — Aspecto de conjunto do sector Sul ao nível da primeira fase das decapagens (foto obtida de W.)



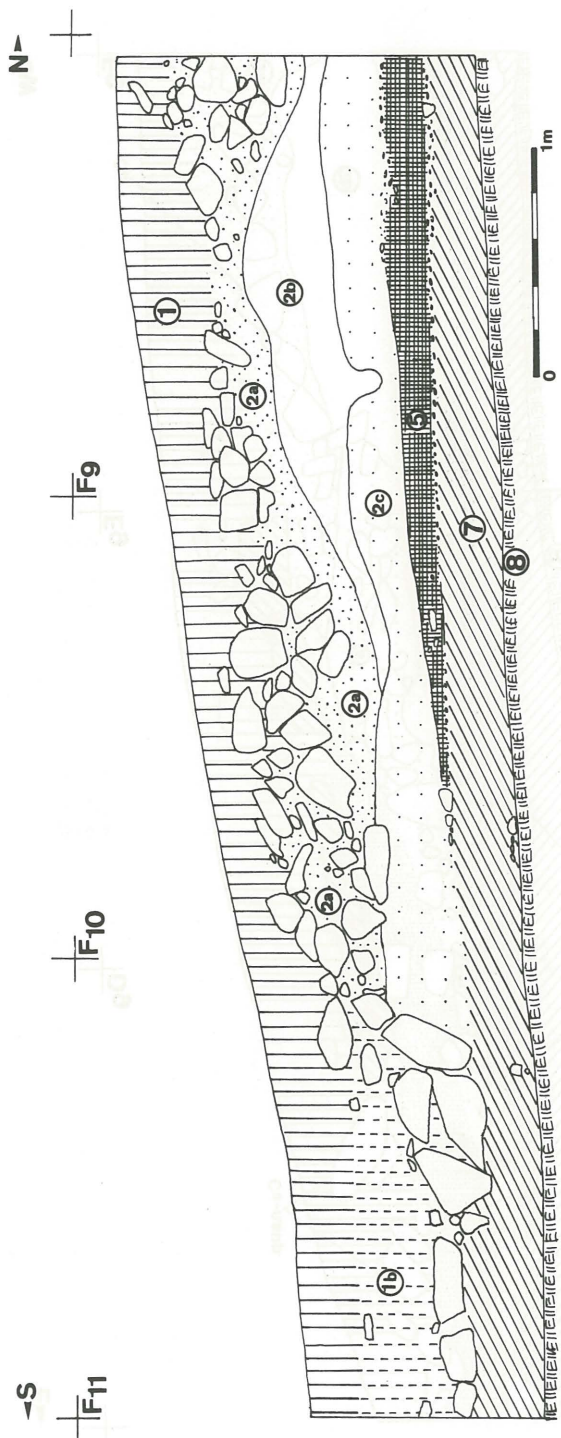
2 — Idem, mostrando o nível inferior da couraça (foto obtida de SW).



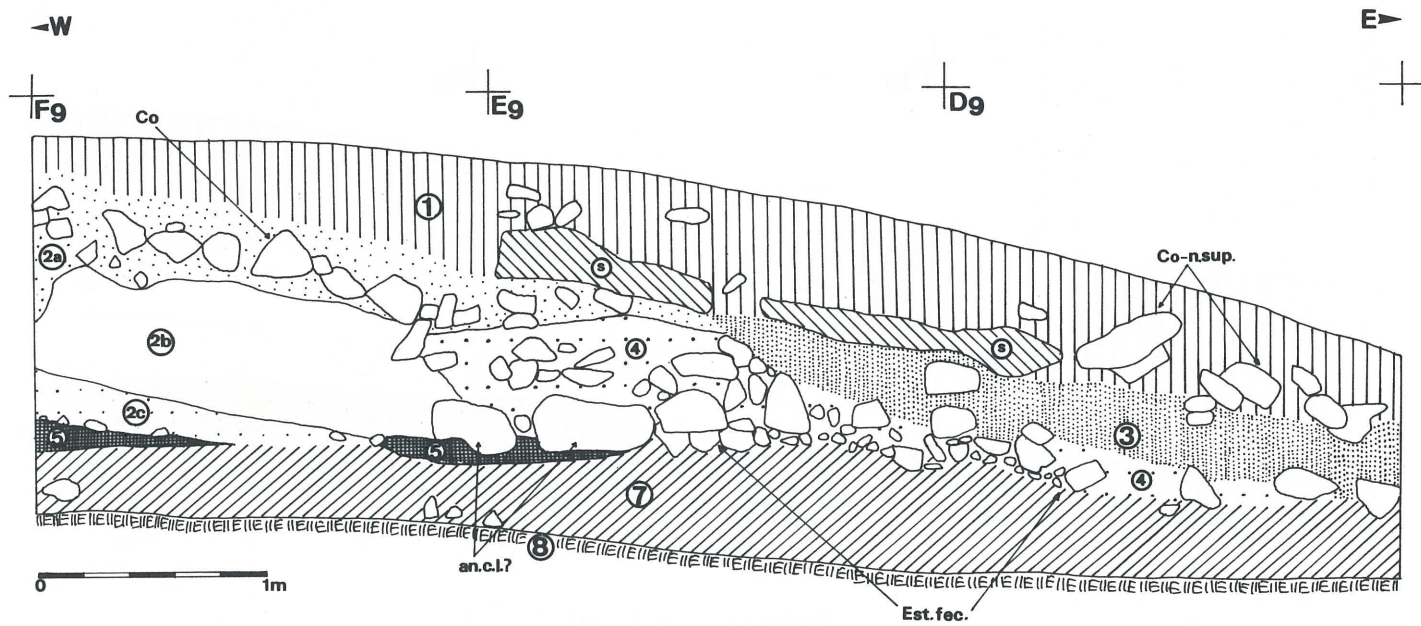
1 — Sector Sul, corte S - N (estratigrafia explicada no texto). Comparar com o desenho da est. IX.



2 — Sector Sul, corte W - E (estratigrafia explicada no texto). Comparar com o desenho da est. X.



Sector Sul, corte S - N.



Sector Sul, corte W - E.



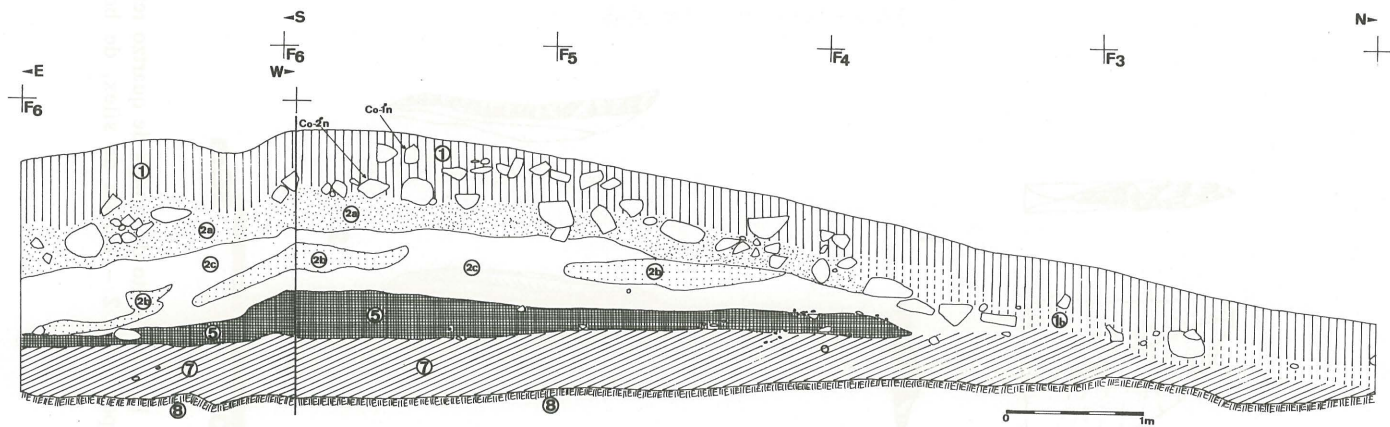
1 — Aspecto dos trabalhos de desenho estratigráfico nos cortes do sector Sul (foto obtida de SE.).



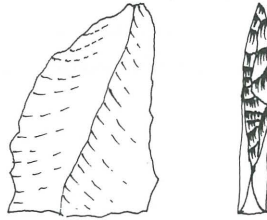
2 — Aspecto do sector Norte após a primeira fase das decapagens (foto obtida de E.).



O segundo (inferior) nível de couraça no sector Norte (foto obtida aproximadamente de NNE.).



Estratigrafia do sector Norte: corte E. – W. (apenas quadrado F6) e corte S. – N. (quadrados F6 a F3)  
(estratigrafia explicada no texto).



2



Dois artefactos líticos: 1 – fragmento de lâmina de quartzo retocada, lembrando um micrólito «imperfeito»; 2 – lamela de sílex, de bordos abatidos.